

Devisme, Monserrate e o Romantismo

Por

José-Augusto França

Professor Catedrático Jubilado da Universidade Nova de Lisboa

Se sabemos algo de Monserrate e muito do Romantismo, sobre Devisme pouco se sabe.

Uma coisa que se sabe, e é importante de certeza, é de que ele foi hóspede e locatário do Palácio do Marquês de Pombal na Rua Formosa, hoje Rua do Século, que ainda lá está, e onde ele se instalou com um sócio, David Pury, um marchante de Neuchâtel, um suíço portanto, e que com ele tinha a casa bancária Pury, Mellish & Devismes. Muito conhecido na Suíça, onde tem um monumento pedestre na sua cidade, da qual é considerado uma figura ilustre, Pury deve essa notoriedade ao facto de ter doado bastante bens a Neufchatel, bens esses ganhos em Portugal. Quando morreu, em 1786, foi sepultado no Cemitério Inglês, junto ao Jardim da Estrela, aqui em Lisboa, onde ainda se encontra a sua tumba. De resto, esta associação dos dois deixou um testemunho artístico no famoso quadro à glória de Pombal, encomendado em Paris a um dos principais retratistas das corte, Van Loo, em que se vê o Marquês com Lisboa ao fundo, alusão à reconstrução pós-terramoto e ao seu poder

Devisme, que será de nome próprio Gerard à francesa ou Gerald à inglesa, tem um brasão que, tal como aparece quer na Enciclopédia Portuguesa-Brasileira quer a Enciclopédia Verbo, é tipicamente inglês, com uma asna, ou *chevron*, abundante na heráldica inglesa, raro na francesa e ausente da portuguesa. Este Devisme, com um nome de família todo junto mas que é de origem francesa concerteza, seja lido integralmente à inglesa ou ‘Devi’me’ à francesa, provém claramente de uma família huguenote, protestante, que se expatriou, como muitas outras, por razões religiosas, e é de origem nobre, como se adivinha na partícula - de Visme - que se manteve, como é hábito também e até por um certo preceito de uso francesa da sílaba tónica (razão pela qual não dizemos ‘de Montherlant’ mas apenas ‘Montherlant’, e não unicamente ‘Visme’ mas ‘de Visme’).

O que se sabe de positivo é que ele foi , teve um monopólio de pau brasil, um riquíssimo monopólio de importação de madeiras exóticas vindas do Brasil e isso significa de certeza boas relações de apaniguado com o todo poderoso Marquês de Pombal e esse monopólio começa em 1760, logo a seguir ao terramoto, em plena Reconstrução de Lisboa. Estar nas boas graças de Pombal era evidentemente algo de importante e algo de rentável, o que explica a fortuna que ele fez, certamente também com outros negócios

que se juntaram a esse, e a possibilidade de fazer duas grande casas nos arredores de Lisboa, esta de Monserrate (que não é esta!) e a de S. Domingos de Benfica que existe ainda, embora com certas transformações, e sobre a qual toda a história de arte se tem debruçado porque mais significativa do que esta outra desaparecida.

Mais significativa porque é um palácio de médio porte com três corpos, grandes jardins, grandes 'fábricas' nos jardins, como se dizia então, de pequenas construções, fontes e de estatuária de chumbo que se importou de Inglaterra naquela altura, e esse palácio foi vendido, depois da sua morte, ao Marquês de Abrantes, e o Marquês de Abrantes que era senhor de uma casa muito poderosa nessa altura e que depois se arruinou, vendeu-o à Infanta Isabel Maria, regente de Portugal, irmã de D. Pedro I e D. Miguel, regente mais ligada ao mano Pedro do que ao mano Miguel, e que ali se instalou com uma pequena corte, dando-lhe um porte e um carácter aúlico, e temos a sorte de a posterior transformação em colégio de meninas o ter conservado, continuando assim em S. Domingos de Benfica, perto do célebre palácio dos Fronteiras e do convento do mesmo nome. Temos também a sorte de ter a imagem do edifício tal qual erana altura, uma excelente pintura que está no Museu das Artes Decorativas de Paris feita por Noël, pintor francês que viveu em Portugal e alguma coisa aqui trabalhou, e que fixou relações com a aristocracia ou a gente 'dinheirosa' da época. É por tudo isto que é sobre ela que geralmente cai a atenção dos historiadores de arte. Sabemos que o seu arquitecto foi Inácio de Oliveira Bernardes, um homem que vem de uma familia de azulejistas, mas que fez alguma arquitectura, de alguma qualidade média se bem que de qualquer maneira o modelo não é português, é de gosto inglês, um modelo de grande estadão para festas e jardins.

De resto, foi tal a fixação sobre esta casa que quem consultar uma enciclopédia como a Luso-brasileira, poderá aprender lá que o arquitecto de Monserrate foi Inácio de Oliveira Bernardes, o que é um disparate. Também lá se diz outro, que foi em Monserrate que foi escrito o célebre romance *Vathek* de Beckford. Ora quando este viveu em Monserrate já tinha escrito o *Vathek* há muia dúzia de anos, em Inglaterra naturalmente, pelo que este é um disparate acronológico. Este erro pode vir de uma leitura errónea de um verso de Lord Byron, no qual ele saúda Beckford, em Monserrate, como pai do *Vathek*. Tresleu-se a coisa e pensou-se que se ele saúda o criador de *Vathek* em Monserrate, é porque ele o escreveu em Monserrate. Certo é que Devisme, Beckford e por arrastamento Lord Byron, são feitores do romantismo sintrense.

Quanto à casa, quanto a Monserrate, podemos dizer que as terras pertenciam ao Hospital Real de Todos os Santos, que elas foram parar, parte delas, às mãos da família Mello e Castro, mais tarde Nova Goa (Condes), e foi a ela que o negociante Devisme de Lisboa, trazido aqui sabe-se lá porquê ou por quem, talvez por um outro negociante de Lisboa, também Cônsul da Holanda, Daniel Guilmeester, que está ligado a uma outra casa perto daqui, Seteais, e que, beneficiário do contrato do monopólio de diamantes e fazendo parte

da pequena elite da economia pombalina, manteria com ele relações próximas e foi certamente ele que mostrou então a Devisme a bela serra de Sintra. A verdade é que ele veio, quis comprar as terras, os Castros não venderam mas arrendaram, deixando construir. Sabe-se que o terramoto de 1755 causou grandes estragos na propriedade, pelo que havia naturalmente por ali casas, casas em ruínas que ele fez reconstruir no sítio onde estavam.

Aqui entra uma outra informação, dada por Lady Carven, que diz que ele está ‘building’ em a ‘full situation’ - o que nos dá a certeza da construção, podendo entender-se o ‘full situation’ como “beautiful”, logo uma alusão à situação ecológica privilegiada em que o faz, à implantação, à paisagem – um casa ‘vilmente planeada”, (“vile planned house”), uma alusão esta negativa, pejorativa, em relação ao que estava projectado. Vem então Beckford, que acrescenta um comentário “perfectly true” à carta, e este “perfeitamente verdade” que também indica que a casa não tinha grande interesse.

DeVisme manteve-se em Monserrate entre 1790 e 1794. Além da casa, fez melhorias na propriedade, que murou e na qual pôs portões, atendendo a que se encontraria antes toda aberta.

Em 1794 sub-aluga a propriedade a Beckford, aluguer que tem direito a referência no relato das viagens de William Beckford em Portugal, e que corresponde à sua segunda estada, em 1793-95, mais brilhante e proveitosa para ele porque finalmente apresentado na Corte, livrado já da má fama que o acompanhava e da oposição do Embaixador da Inglaterra, Walpole.

Esse aluguer faz-se depois da sua visita, consagrada num texto famoso, a Alcobaça e a Santa Maria da Vitória na Batalha, concretizando assim, nas suas palavras, ‘an old desire’. Quando finalmente Devisme lhe sub-alugou, o que faz ele? Tentou mais uma vez comprar a casa aos Castro, que mais uma vez a recusaram. Beckford resolve então fazer obras e destrói a casa que lá havia para construir uma outra para lhe servir de residência. Isso é de resto confirmado também pela correspondência com Lady Carven, com a referência “I Knocked down”; de resto há ainda uma outra em que diz ‘I built it’, ‘Eu construí-a’. É a essa casa de Beckford que Lord Byron se pode referir, e que conheceu na visita que lhe fez, atendendo a que eram amigos.

Beckford faz uma referência misteriosa a um carpinteiro de Falmouth, a sua casa em Inglaterra (não confundir com a enorme Fonthill), a terra de onde ele próprio vinha, o que tira certa nobreza arquitectónica, que não valor profissional, à casa que ele acabou de fazer, construída sobre a de Devisme, e que é a mesma casa que mais tarde o primeiro Cook embelezaria, fazendo o edificio de gosto mogol que ainda hoje apreciamos, e que passou à imagem a Sintra com Monserrate

Essa casa anterior, da qual temos referências através de Lady Carven e do próprio Beckford, existiu mesmo e temos uma prova da sua existência num desenho e numa

planta dela, um documento precioso, que me foi cedido na altura em que estava a trabalhar sobre o séc.XIX, sobre Sintra portanto, e muito à última hora , porque já tinha os elementos prontos para publicação. Joaquim Couto Tavares, conservador do palácio da Pena nos anos 60 do séc .XX, trouxe-me então um desenho da sua colecção particular, que mostra a planta do Palácio e que eu fotografei a tempo de publicar na minha obra “ A Arte em Portugal no séc XIX” . Tenho esta precisão porque esta fotografia substituiu uma outra que já estava alinhada na produção do livro. A planta da casa que existiu devolvi-a honestamente ao proprietário, Couto Tavares, que era meu amigo e da minha família, e tendo já este falecido sem filhos interrogo-me sobre onde estará ela, bem como o seu espólio, que sei não ter integrado o Palácio da Pena. De qualquer modo, temos felizmente esta imagem da casa, que mostra o alçado como ela era e a planta como ela é, exactamente a mesma de hoje e que vai ser objecto da reconstrução ou do embelezamento dos Cook feito por um grande arquitecto, James Knowles junior, e não o pai, pertencentes a uma família de arquitectos, de onde advém a confusão entre os dois. Diga-se aqui que em Londres, na altura em que lá trabalhei na grande Biblioteca de História de Arte, não conheciam o filho, apenas o pai, tendo sido as minhas perguntas que lhes fizeram conhecer o filho e assim também Monserrate.

Foi sobre esta casa pré-existente que Knowles desenhou e Francis Cook mandou construir este belo palácio que nós vemos, mas a sua estrutura é a anterior, as dimensões são as mesmas, como se vê pela comparação das duas plantas. Há naturalmente o alçado que diverge, a altura do primeiro andar, que tem os quartos a mais, mas os dois torreões lá estão, com a mesma dimensão, com o mesmo diâmetro, decorados de maneira espantosa graças a escultores de gesso, a estucadores, certamente de Portugal e mais propriamente do Norte de Portugal, de famílias inteiras de Afife que a partir do Séc XVIII encheram o país de estuques, e não apenas com muito trabalho no Porto mas também em Lisboa, onde muita obra houve até aos anos 20 e 30 do passado séc. XX.

Portante podemos supor que aqui há obra de Afife, que foram afifenses que encheram aquelas paredes e balaustradas de painéis, num portentoso trabalho que vale a pena ver pela qualidade profissional que ele revela.

Mão de obra portuguesa sem dúvida, mas quanto tempo ela durou a fazer? Dois anos de certeza, as datas que temos são 1863 a 1865, mas mais do que dois anos, em termos de decoração de paredes, pela fineza que tem, que exigia muita competência, certamente não a de uma multidão de ‘manouvres’ que podiam ali trabalhar mas apenas a de gente competente para o efeito.

Monserrate era uma casa de verão, ao que se sabe, de uma família que tinha a origem da sua fortuna no negócio de algodão em Londres, e era uma casa de festa, verdadeira decoração teatral, inspirada sim nos pavilhões de Brighton , de John Nash, que serviram de modelo ou de imposição de encomenda .

Estamos agora em 1860, tempos de romantismo adiantado; tinha já o Palácio da Pena desde os anos 30 e 40 entrado em grandes obras que mudariam a paisagem de Sintra, bem diferente do primeiro romantismo que Byron veio ver a Portugal e a que alude na correspondência com o amigo/conhecido Beckford.

É esse primeiro romantismo dos finais do séc. XVIII que transita para o séc. XIX e até para o séc. XX, que vai processando as várias fases da vida da pátria, que atravessa as invasões francesas, a revolução liberal e que se vai fixar num novo gosto, passando por essa invenção romântica de um castelo mais ou menos medieval com ameias nos terraços, que ficaram do tempo do Devisme e que pelos ingleses é trazido, ao mesmo tempo do gosto neoclássico que é trazido também pelos ingleses se não mesmo por esse mesmo inglês, Devisme, que fez em Monserrate um castelo gótico implantado num paisagem ainda muito desnudada, que tem a ver com o goticismo inglês romântico do séc. XVIII, e faz ao mesmo tempo o palácio de S. Domingos de Benfica, num estilo que também não entrava até aí no vocabulário arquitectónico português da altura. Esta dicotomia é natural porque em Inglaterra as duas correntes nasceram simultaneamente, em meados de Setecentos, e este súbdito inglês não fez mais do que seguir a dicotomia do gosto da sua pátria.

Este era então o tempo desse portentoso trabalho que foi a reconstrução de Lisboa depois do terramoto, feita com a prata da casa e as limitações económicas de um país que tinha ficado ferido com os prejuízos sofridos, mas com a vontade pura, dura, do Marquês de Pombal que faz toda uma cidade, que é um exemplo único construído a meio termo cronológico entre a tentativa de ocidentalização da Rússia com a construção de São Petersburgo no início do séc. XVIII e, na outra ponta do ocidente, nos Estados Unidos, no fim do séc. XVIII, a de Washington.

Trabalho portentoso certo, mas que não adianta estilisticamente em relação ao que estava antes. Em Lisboa o modelo era ainda barroco, mais cuidado no caso das igrejas, e muito o estilo chão da arquitectura civil do séc. XVII português, uma referência ao “plain” da arquitectura inglesa, estilo plano e simples, por razões evidentes também de economia; o modelo europeu, italo-francês, depois chamado de neo-classicismo, virá fixar-se em Portugal pela obra de um arquitecto português de segunda ordem, o já referido Oliveira Bernardes.

Acreditando que o palácio já fora anteriormente construído por ele, deste homem Devisme fica assim o primeiro edifício de carácter neoclássico palaciano em Benfica e o primeiro rural ou rústico, de carácter neogótico, que seria o primeiro palácio de Monserrate, enquanto que a outro homem do norte, o holandês Guilmeester se deve Seteais, vendida depois ao Marquês de Marialva, que numa segunda fase faz aquela fachada sem fundo, com o arco de homenagem real, e que vista de lado parece ter apenas a fachada necessária para não cair sobre os jardins, sendo também uma construção de gosto estrangeiro importando para Portugal.

Com a Pena, com Monserrate, com Seteais, com a Quinta da Relógio neomourisca de um arquitecto de Lisboa, Tomás da Fonseca, também escultor, que fez por exemplo o monumento aos Restauradores, e mais tarde o Monteiro dos Milhões com a Regaleira, que tem uma pré-existencia de 1750 mas que, transformada, vem dar a última notícia romântica à arquitectura portuguesa, de componente gótica-manuelina, é assim que se criou um arco em Devisme que faz com que Sintra apresente alguns dos monumentos mais significativos do álbum da arquitectura portuguesa.